

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

« Também é esperado o aumento significativo do fluxo de dólares no país. Até agora, segundo a Embratur, 80 mil turistas do exterior compraram passagens para visitar o Brasil »

Carnaval deverá gerar R\$ 8,2 bilhões em receitas

A primeira edição completa do carnaval após as restrições da pandemia representarão um alento para a economia brasileira. Segundo projeção do Ministério do Turismo, 46 milhões de pessoas se esbaldarão na festa, com potencial para gerar R\$ 8,2 bilhões em negócios. Se o número for confirmado, representará um avanço de 27% sobre o desempenho de 2022. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) diz que três setores concentrarão 85% das receitas: bares e restaurantes (com movimentação de R\$ 3,6 bilhões), transporte de passageiros (R\$ 2,3 bilhões) e serviços de hotelaria e hospedagem (R\$ 890 milhões). Também é esperado o aumento significativo do fluxo de dólares no país. Até agora, segundo a Embratur, 80 mil turistas do exterior compraram passagens para visitar o Brasil nos próximos 10 dias. O carnaval brasileiro se reinventou nos últimos anos com a explosão dos blocos de rua, fenômeno marcante em diversas capitais do país.

Divulgação



Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Dívida da Americanas não para de aumentar

O caso Americanas tem chamado atenção pela mudança constante dos valores devidos pela empresa. Inicialmente, foi informado que o rombo total era de R\$ 20 bilhões, mas agora já se sabe que o valor se aproxima dos R\$ 50 bilhões. A mais recente revisão de cifras envolve os bancos. A nova lista de credores do processo de recuperação judicial revelou que a dívida total da varejista com as cinco maiores instituições financeiras do país passou de R\$ 13,1 bilhões para R\$ 15,2 bilhões.

Ex-presidentes do Banco Central defendem independência da instituição

Se o governo federal mobilizou a sua tropa de choque para atacar a independência do Banco Central, a resposta de um grupo seletivo de economistas veio na mesma medida. Nos últimos dias, Roberto Campos Neto, presidente da autarquia, tem recebido sinais públicos de apoio de ex-chefes do BC. Nomes como Armínio Fraga, Gustavo Franco, Gustavo Loyola e Henrique Meirelles defenderam a autonomia da instituição e criticaram a postura belicosa do governo petista. Essa é uma batalha que o governo já perdeu.

Mais uma vez, agronegócio quebrará recordes em 2023

O agronegócio brasileiro quebrará recordes em 2023. De acordo com o IBGE, a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas chegará a 302 milhões de toneladas, número jamais alcançado no país. Para efeito de comparação, a previsão supera em 14,7% – o que dá uma diferença de 38,8 milhões de toneladas – o desempenho de 2022. Ainda segundo o levantamento agrícola, a área a ser colhida totalizará 75,8 milhões de hectares, o que equivale a um acréscimo de 3,5% em relação a 2022.

R\$ 161,7 BILHÕES

é quanto o governo brasileiro teria de pagar para ter o controle da Eletrobras de volta. O valor supera os R\$ 33,7 bilhões que recebeu no processo de privatização, em junho do ano passado



« Até agora, a inteligência artificial podia ler e escrever, mas não conseguia entender o conteúdo. Os novos programas como o ChatGPT vão tornar muitos trabalhos de escritório mais eficientes. Isso vai mudar o mundo »

Bill Gates, cofundador da Microsoft, encantado com o aplicativo que usa inteligência artificial para escrever textos



RAPIDINHAS

« Um levantamento do Sebrae mostra a força irrefreável das pequenas e médias empresas. Elas respondem por 99% dos empreendimentos ativos no Brasil (o equivalente a 18,5 milhões de CNPJs) e por 70% dos novos empregos gerados todos os anos no país. Como um todo, o setor contribui com aproximadamente 30% do PIB nacional.

« Abrir o próprio negócio não é garantia de sucesso para ninguém. De acordo com dados levantados pelo Sebrae, a taxa de mortalidade das novas empresas brasileiras é uma das mais elevadas do mundo. Em até dois anos, 25% delas fecham. No terceiro ano, 50% não resistem. Ter uma ótima ideia, portanto, não significa que a iniciativa será bem-sucedida.

« As atividades turísticas cresceram 30% em 2022 diante de 2021, segundo o IBGE. O número inclui as receitas obtidas com serviços como hotéis, restaurantes, locação de carros, transporte aéreo e rodoviário, entre outros. Minas Gerais (alta de 49%), São Paulo (36%) e Rio Grande do Sul (35%) avançaram mais do que a média nacional.

« A ponte aérea Rio-São Paulo se consolidou mais uma vez como a rota doméstica mais movimentada do Brasil. No ano passado, conforme dados apurados pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), foram realizadas 29.324 decolagens no trecho, quase o dobro do número observado em 2021, no auge da pandemia.

ALTA NOS JUROS

Política monetária na berlinda

Taxa Selic foi alvo de críticas do presidente Lula nos últimos dias. Conselho Monetário se reunirá na próxima quinta-feira

» RAFAELA GONÇALVES

A elevada taxa básica de juros, a Selic, que atualmente está em 13,75% ao ano, virou alvo de reclamações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A principal queixa é que a taxa nesse patamar dificulta o acesso ao crédito, tanto para as famílias quanto para as empresas. Os ataques ao presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, colocaram a política monetária na berlinda, com repercussões no Congresso Nacional e no mercado. De acordo com analistas, a lógica do aumento de juros é necessária para conter as pressões inflacionárias. Segundo um levantamento feito pelo MoneYou e pela Infinity Asset Management, o Brasil tem a maior taxa de juros reais do mundo, se descontada a inflação. O país se mantém na liderança desde maio do ano passado. A alta da taxa de juros globalmente ocorre pela disparada da inflação. Embora cada país tenha suas particularidades, a pressão inflacionária também tem causas comuns e carrega uma herança recente da pandemia e da guerra entre Rússia e Ucrânia, que ainda devem perdurar.

A pandemia, por exemplo, forçou os governos e bancos centrais a implementarem pacotes fiscais e monetários para evitar falências e desemprego. Ao mesmo tempo, houve aumento de custos no processo de recuperação econômica, já que os preços de diversas commodities dispararam, em especial do petróleo e dos alimentos. Assim, oferta e demanda entraram em desequilíbrio e os preços foram pressionados.

Segundo o economista Hudson Bessa, professor da Faculdade FIPECAFI, este é um fenômeno global, ao qual o Brasil não está imune. “A crise das cadeias globais, as restrições de oferta e o excesso de liquidez no mundo causaram um surto inflacionário. O Brasil não está imune a isso e sofreu com esses mesmos impactos. Também tivemos nossos problemas internos, como forte crise hídrica, por exemplo, que deixou o país com bandeira vermelha e causou uma disparada na inflação brasileira”, lembra.

Com o propósito de conter a inflação, o Banco Central alterou a política monetária subindo a taxa de juros no Brasil. Essa decisão afeta os preços, e diminui o consumo e os investimentos das famílias e empresas brasileiras. Dessa forma, a queda na demanda por bens e serviços tende a reduzir a inflação.

Bessa destaca que a lógica da política restritiva é tornar o dinheiro ‘mais caro’, reduzindo o consumo e, assim, consequentemente, a pressão sobre os preços. “O BC só reagiu aumentando a taxa de juros para poder reancorar as expectativas e fazer a inflação voltar a estar próxima da meta. É necessário fazer uma restrição de demanda para que a gente consiga reduzir a inflação”, explica.

A inflação terminou o ano passado em 5,79%, mais baixa do que os 10,06% registrados em 2021, mas ainda acima do teto da meta do BC, que é de 5%. Mesmo com alguns sinais de desaceleração, sobretudo a partir de algumas medidas tomadas pelo governo, como a desoneração

Reprodução



Aumento na taxa de juros ocorreu globalmente. Pandemia e guerra entre Rússia e Ucrânia têm influência

de impostos sobre combustíveis e energia elétrica, a queda ainda não é suficiente para sustentar um corte na taxa de juros.

O pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE) e sócio da consultoria BRCG, Lívio Ribeiro, destaca que o país rompeu a taxa de juros neutra há pouco tempo. “Nós só passamos dos níveis de neutralidade na virada de 2021 para 2022, ou seja, não estamos tanto tempo

assim nesse terreno. Os impactos ainda serão observados. O processo de queda da inflação está nublado por essas políticas fiscais que cortaram impostos e ela ainda está muito disseminada. A política monetária opera com defasagem e por mais que a inflação tenha desacelerado, ainda assim está além da meta”, avalia.

Uma série de fatores internos e externos explicam a manutenção da taxa em níveis tão elevados. Entre os principais motivos

estão a tendência de alta de juros em economias desenvolvidas, a volatilidade do câmbio, a inflação ainda acima do teto da meta e as incertezas fiscais que existem no país. Segundo Ribeiro, as críticas do governo à autoridade monetária nada ajudam na redução das expectativas.

“Ao fazer esse tipo de ataque ao BC, o canal de incerteza aumenta, o que diminui a potência da política monetária. Não podemos esquecer também, em paralelo, que o governo ampliou

os gastos por meio de um pacote fiscal que ainda não tem um arcabouço concreto. Não é à toa que as projeções estão sendo revistas para a manutenção desse juro por mais tempo”, afirma o pesquisador.

Metas da inflação

Em meio ao impasse do governo contra a gestão de juros conduzida pelo BC, o mercado aguarda a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), marcada para a próxima quinta-feira, que será a primeira sob a gestão do novo governo. A expectativa é de que seja inserida na pauta a possibilidade de antecipar a definição das metas de inflação, esperada para junho. Segundo Eduardo Correia, professor de economia do Insper, ao tentar fazer qualquer tipo de intervenção na taxa básica de juros, o presidente Lula pode cometer erros que custaram caro no passado.

“Os juros são um remédio amargo e não tem como resolver na base da canetada. A presidente Dilma (Rousseff) fez isso em 2012, antes da autonomia do Banco Central, e deu errado. Reduzir a taxa de juros para estimular a economia teria um efeito a curto prazo, mas elevaria muito mais a inflação, sem gerar um processo de desenvolvimento e crescimento sustentável da economia. A experiência passada ensina que é ruim o que o presidente quer fazer”, avalia o analista, que considera perigosa uma meta de inflação mais alta sem que o governo apresente uma regra fiscal crível para substituir o teto de gastos.